

A PERENIZAÇÃO DA GUERRA NA SÍRIA: UM ESTUDO TRIPARTIDO EM NÍVEIS DE ANÁLISE SOBRE A MAXIMIZAÇÃO DE PODER E A BUSCA DE HEGEMONIA NA REGIÃO DO CONFLITO

THE PERPETUATION OF SYRIAN WAR: A TRIPARTITE STUDY ON LEVELS OF ANALYSIS ON MAXIMIZING POWER AND SEARCHING FOR HEGEMONY IN THE REGION OF THE CONFLICT

Criminosos são uma pequena minoria em qualquer época ou país. E o dano que eles causaram à humanidade é infinitesimal quando comparado com os horrores – o derramamento de sangue, as guerras, as perseguições, a fome, as escravidões, as destruições em grande escala – perpetradas pelos governos da humanidade. Potencialmente, o governo é a mais perigosa ameaça aos direitos do homem: ele mantém o monopólio do uso de força física contra vítimas legalmente desarmadas. Quando irrestrito e ilimitado pelos direitos individuais, um governo é o mais mortal inimigo do homem. (RAND; BRANDEN, 1964)

George Bronzeado de Andrade¹

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
Universidade Estadual da Paraíba
João Pessoa – PB – Brasil

Resumo: Diante de uma guerra civil que já dura mais de seis anos (iniciada em 2011), com um saldo de grave crise humanitária dentro e fora do Estado sírio, o presente artigo debate a fenomenologia da perenização do conflito na Síria e suas causas sistêmicas, regionais e domésticas, estudando a guerra síria em três níveis de análise distintos: o nível de análise internacional (ou sistêmico), o âmbito de análise regional e a perspectiva da política doméstica síria. O tema é discutido por uma vasta literatura que se debruça sobre o assunto, assim como a análise (sem demérito a outras abordagens e leituras teóricas) é amparada na perspectiva realista das relações internacionais, concluindo que a luta hegemônica pela maximização de poder na região da Síria congloba os três níveis de explicação, que convergem para traduzir a manutenção do conflito sírio por tanto tempo.

Palavras-chave: Política Internacional. Guerra civil síria. Luta hegemônica pela Maximização de poder.

Abstract: In the face of a civil war that is going on for more than six years (beginning in 2011), with a serious humanitarian crisis in and outside the Syrian state, this article discusses the phenomenology of the perpetuation of the conflict in Syria and its systemic, regional causes and domestic relations by studying the Syrian war at three different levels of analysis: the level of international (or systemic) analysis, the scope of regional analysis and the perspective of Syrian domestic politics. The topic is discussed in a vast literature that deals with the subject, just as the analysis (without demerit of other approaches and theoretical readings) is supported by the realist perspective of international relations, concluding that the hegemonic struggle for the maximization of power in the region of Syria embodies the three levels of explanation, which converge to translate the maintenance of the Syrian conflict for so long.

¹ georgebronzado@gmail.com

Key-words: International politics. Syrian civil war. Hegemonic struggle for the maximization of power.

Recebido: 02 /10/2017

Aprovado: 17/ 11/2017

Considerações iniciais: Contexto histórico e panorama atual

O conflito no Estado da Síria tem sido objeto de estudo de diversos estudiosos em política internacional e a guerra civil instalada entre milícias opositoras e o regime do ditador Bashar al Assad permanece longamente no tempo (desde 2011), ceifando milhares de vidas sob o olhar impassível da comunidade internacional. Diante deste contexto, pergunta-se: *Quais as causas que podem explicar a manutenção do fenômeno da guerra civil síria por tanto tempo?* E na tarefa de perscrutar profundamente o problema, indaga-se ainda: *Existem subsídios para uma explicação em níveis de análise distintos para a manutenção da guerra no território sírio?* Esta é a questão central que problematiza a discussão deste artigo: A necessidade de se investigar quais os motivos que justificam o impasse insólito de mais de seis anos do conflito sírio, uma guerra civil brutal, que tem repercussões políticas, econômicas e humanitárias, tendo em vista o número gigantesco de refugiados sírios que o conflito vem expectorando. Fustigado sob o impacto das indagações acima, busca-se no presente artigo compreender a fenomenologia do conflito sírio por três lentes ou filtros de análise (SINGER, 1961, p. 77-8), na perspectiva internacional (sistêmica), no âmbito regional e sob o prisma da política doméstica, num estudo tripartido e multifatorial (BUZAN, 1998, p. 5-14), amparado sob o olhar teórico realista nas Relações Internacionais.

A guerra síria necessita ser estudada numa perspectiva acadêmica cada vez mais acurada, tendo em vista, entre outros aspectos, a devastação do Estado sírio nos seis anos de conflito, assim como a crise humanitária de refugiados que tem irrompido pelas fronteiras estatais, atingindo outras partes do mundo, sobretudo a Europa. A convulsão interna do Estado sírio tem se destacado como uma guerra civil de proporções devastadoras para a população daquele Estado. Desde o início do conflito em março de 2011, um pouco mais da metade da população do país (estima-se aproximadamente que 12 milhões de pessoas) foi obrigada a fugir de seus lares ou se deslocar das cidades natais. Entre os que se deslocaram para outros países, estima-se que 5,5 milhões de pessoas vivem como refugiados em países vizinhos (Turquia, Iraque, Jordânia e Líbano), o que faz com que a população síria seja a maior população de refugiados do

mundo atualmente. O conflito já resulta mais de 400 mil mortos segundo os dados da Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2017). Essa realidade não pode ser ignorada pelos estudos de política internacional, tornando-se um tema que precisa ser problematizado.

O conflito sírio teve sua epigênese em 15 de março de 2011, depois da repressão do governo aos estudantes que grafitaram críticas em muros da cidade de Damasco (Capital) contra o regime do ditador Bashar al-Assad, já há dezesseis anos no poder (ANDRADE, 2011, p. 125). Bashar al-Assad sucedeu seu pai, o ditador Hafez al-Assad (1971-2000), que na década de 1970 depôs os líderes socialistas do Partido Baath na Síria e tomou o poder (SMITH, 2008, p. 64). A insurreição síria foi enquadrada à época (2011) dentro dos levantes políticos ocorridos no contexto do que se convencionou chamar de Primavera Árabe (levantes populares contra as monarquias constitucionais e regimes ditatoriais no Oriente Médio e norte da África), em lembrança à Primavera de Praga (movimento de liberalização e reforma política que ocorreu na Tchecoslováquia no ano de 1968 sob o governo de Alexander Dubcek contra o domínio soviético), tão malfadada quanto breve (JOFFÉ, 2011, p. 95).

A Primavera Árabe, na qual se inclui a insurreição síria, caracterizou-se pelos levantes que se iniciaram no norte da África em 18 de dezembro de 2010, quando o tunisiano Mohamed Bouazizio imolou o próprio corpo, ateando fogo às suas vestes como forma de protesto contra a corrupção e os maus tratos policiais (JOFFÉ, 2011, p. 95). O ato do tunisiano foi o estopim, e as consequências do movimento foram mais longe que a Revolução de Praga (1968), que acabou inspirando o epíteto, posto que diversos governantes caíram (Muammar Al Khadafi na Líbia; Hosni Mubarak no Egito; assim como governantes no Marrocos e Iêmen), e outros ainda sofreram mudanças democráticas, como a Jordânia, o Barein, o Kuait e o Djibuti. Levantes armados da população foram movidos por uma forte mobilização social, que de forma inédita se utilizou de mídias sociais como Facebook, Twitter e You Tube, para montar uma forte articulação contra regimes ditatoriais e monarquias constitucionais que governavam há décadas o Oriente Médio e alguns países da África.

Observa-se que apesar do governo de Assad filho (de 2001 até a presente data) ter feito concessões democráticas (eleições parlamentares, nova constituição, reforma do gabinete governamental, dentre outras reformas políticas) às reivindicações rebeldes da Primavera Árabe síria, existem elementos que se encontram no âmbito de análise sistêmico, regional e doméstico que se superpõem para explicar o confuso conflito sírio.

Diante de uma miríade de variáveis complicadoras, a permanência do conflito sírio oferece explicações que se sustentam **no plano internacional (nível sistêmico)**, ancoradas nas ações, sobretudo, das grandes potências do Sistema Internacional (SI), notadamente os Estados Unidos (EUA) de um lado e a Rússia do outro. Um reflexo dessa luta geoestratégica entre esses Estados, que parecem digladiar-se na arena internacional, ganha relevância no palco do Conselho de Segurança da ONU, quando divergem sobre as ações a serem tomadas pró e contra o regime de Bashar al-Assad. A região da Síria, nesse sentido, sempre esteve no palco de disputas hegemônicas. Foi assim durante o Século XIX, quando a região síria esteve sob o domínio do Império Turco Otomano, e continuou assim mesmo depois da revolta árabe de 1916, liderada pelo Xerife de Meca Husseyn, quando o acordo de Sykes-Picot acabou declarando a região zona de influência do Estado francês (MASSOULIÉ, 1996, p. 39-40).

Saliente-se que o Acordo de Sykes-Picot foi o tratado costurado em 1916 entre o diplomata francês François Georges-Picot e o ministro inglês Mark Sykes, em que o Reino Unido e a França definiram suas esferas de influência no Oriente Médio, cabendo à França, entre outros territórios, a tutela do território sírio.

Em 1920, a região que hoje corresponde à Líbia e à Síria foi entregue pela Liga das Nações aos franceses, de modo que a Síria só se tornaria independente em 17 de abril de 1946.

Da data de sua independência (1946) até o ano de 1971 (ano em que o ditador Hafez al-Assad toma o poder), a Síria viveu uma história conturbada de golpes e contra golpes que a levou entre os anos de 1946 até 1958 a ser governada por dez presidentes, e de 1961 até 1971, por outros sete presidentes (MOUBAYED, 2006, p. 78). No período do governo de Hafez al-Assad (1971-2000), a aproximação do ditador sírio da então União Soviética, em razão da própria ideologia do partido Baath (Partido Socialista Árabe), manteve novamente a Síria como um território de disputa, na época sob o influxo da Guerra Fria, entre os EUA e a União Soviética. Esta polarização, que refletia a própria ordem mundial inaugurada em 1947, teve sérios efeitos sobre o Oriente Médio, e em muitos sentidos, explica a dicotomia atual em que os Estados Unidos e a Rússia se colocam, diante de um conflito que já perdura mais de seis anos (ZAHREDDINE, 2013, p. 17).

O embate por “trás da cortina”, com os EUA de um lado e a Rússia (apoiada pela ascendente China) do outro no Conselho de Segurança, deixa transparecer uma espécie de disputa hegemônica na região do conflito. Além disso, o embate se evidencia

ainda, pelo contingente de apoio financeiro, logístico e militar que os EUA e a Rússia têm dispensado contra e a favor do regime do presidente Bashar al-Assad. Do ponto de vista sistêmico, é preciso observar o movimento russo em apoio ao regime de Assad, tendo em vista os interesses militares e energéticos na região, assim como a estratégia norte-americana para manter ou aumentar seu poderio geopolítico no Oriente Médio (AGUILAR; FURTADO & RODER, 2014, p. 3-4).

Em outro nível de análise, e não menos importante, assume contorno relevante o **âmbito da geopolítica regional do conflito**, pois atores estatais como a Arábia Saudita, o Catar, o Iran, o Egito, a Turquia, o Líbano e Israel, têm atuado no entorno do conflito com interesses políticos e econômicos, visando à maximização de poder na região (DALACOURA, 2013, p. 78-9). Nesse sentido, alguns autores apontam que países vizinhos, como a Turquia, o Catar e a Arábia Saudita têm armado e dado treinamento militar aos opositores do regime de Assad, enquanto Iran, Iraque e Líbano são identificados como países que investem bilhões de dólares defendendo a manutenção do governo Assad, além de oferecer equipes de elite para trabalhos de inteligência e treinamento militar.

No âmbito da **política doméstica**, abre-se mais um espectro importante de análise e uma das variáveis independentes no conflito do território sírio: trata-se da composição étnico-religiosa da população, que influencia na ideologia dos grupos em luta dentro do território sírio. Cleveland (2009, p. 8-9) assinala que desde a época do domínio neocolonial francês no início do século XX, o Estado francês utilizou-se da fragmentação do território sírio para governar, abrindo maior espaço político para o segmento moderado sunita, em detrimento de outras minorias como a alauíta e os cristãos, fazendo inclusive a partição do território em grandes regiões, como a de maioria sunita, em redutos geográficos como Aleppo e Damasco. Já no governo do ditador Hafez al-Assad (1971-2000), que pertencia a uma minoria alauíta, tem-se a instalação de uma facção minoritária no poder, que se manteve no controle do governo pela maciça presença de seu grupo nas forças armadas nacionais, assim como na alta burocracia do Estado sírio e nos cargos políticos, construindo a governabilidade para a manutenção do poder pela alta fidelidade ao ditador e sua família (CLEVELAND, 2009, p. 10).

Segundo avaliação recente cotejada pela própria Organização das Nações Unidas (ACNUR 2017), a população síria, de aproximadamente 23 milhões de habitantes, divide-se entre uma maioria sunita (correspondente a 74%) e minorias: alauíta (12%, a

que está no poder); cristã ortodoxa (10%) e drusa e curda (3%). Essa composição étnico-religiosa multivariada é um fator correlato que interfere no conflito e influencia a composição das principais frentes de oposição armada que lutam pelo poder: a Coalizão Nacional Síria (CNS), formada por opositores do regime de Bashar al-Assad e apoiada por países do Ocidente e países do golfo, sendo um grupo que tem participado das conversações de paz, e o Exército Livre da Síria (ELS), formado principalmente por oficiais e soldados que desertaram do Exército oficial do governo e têm uma orientação ideológica que aspira a um Estado democrático de caráter árabe-islâmico.

Além destas principais frentes que fazem oposição ao governo de Assad, os autores Aguilar, Furtado e Roder (2014, p. 3-4) apontam ainda a existência de grupos islamitas como a Irmandade Muçulmana do Egito, grupos radicais como a Frente Al-Nusra (braço terrorista da Al Qaeda) e o Estado Islâmico, “clãs” que se debatem sobre o território sírio, dificultando ainda mais as negociações internas para a pacificação no território do conflito, compondo elementos intrínsecos e domésticos que complicam a resolução do conflito.

É diante desse cenário convulsivo da realidade síria que o presente artigo se propõe a abordar a questão, fatiando o estudo em multiníveis de análise, para a melhor compreensão das razões que perenizam o conflito sírio.

1. A necessidade premente do estudo conjuntural do conflito sírio: Um prólogo sobre o estudo de um fenômeno em andamento

O estudo do conflito sírio, sob a perspectiva da política internacional, com esteio em teorias (seja realista, institucionalista, construtivista, etc) explicativas para convulsões no sistema é de íntimo interesse da Ciência Política e das Relações Internacionais, porque assim se busca traduzir a realidade e trazer à tona elementos tangíveis que respondam às questões do problema analisado, esclarecendo a natureza dos fenômenos políticos. Um dos argumentos que tem justificado os estudos da guerra civil é a premissa de que as Relações Internacionais devem ter o objetivo de interpretar os eventos internacionais, que surgem eventualmente da ação dos atores, entre eles atores políticos, traduzindo a realidade em termos científicos (OLIVEIRA, 2014, p. 25). Nessa exata perspectiva, Shapiro (2002) salienta a necessidade da aproximação da teoria dos problemas do “mundo real”, de uma ciência política orientada por uma maior preocupação e aderência às questões fáticas, produzindo conhecimento útil (SHAPIRO, 2002, p. 799-801).

A importância da discussão e do debate sobre o conflito sírio tomou proporções internacionais, não somente pela gama de atores estatais envolvidos, necessitando de uma análise acadêmica acurada em substantiva base teórica, mas também pela gravidade das repercussões para a população síria (com mais de 400 mil mortos e 5,5 milhões de refugiados), bem como os efeitos sobre o Sistema Internacional. Hoje a Europa está assolada por grandes levadas de refugiados sírios, assim como países fronteiriços, como Iraque, Jordânia, Turquia e Líbano.

O âmbito de pesquisa das Relações Internacionais se volta necessariamente para preocupações deste calibre, sendo também seu papel a análise das conjunturas políticas, voltando-se para a radiografia do presente e as implicações futuras (gerando poder de previsibilidade ou predição). Debater o conflito do Estado sírio é estudar um tema da contemporaneidade internacional, suprimindo os possíveis déficits de interpretação da Ciência Política sobre os fenômenos contemporâneos que reivindicam interpretação e compreensão sofisticada, que somente encontram guarida no estudo teórico e empírico. A necessidade e urgência da análise conjuntural não descaracterizam seu caráter científico, ainda que surjam posteriores estudos que confrontem e contrariem uma explicação teórica precedente (OLIVEIRA, 2014, p. 10).

O ramo das Relações Internacionais não pode admitir que um fenômeno como o conflito sírio só possa ser estudado ou possa produzir qualquer tipo de análise, somente após um suposto término do embate militar, sob o argumento de que o processo continua em andamento, pois assim se perpetuaria um hiato teórico e empírico de anos de análise científica sobre o fenômeno, num prejuízo irreparável para a ciência.

Cabe lembrar nessa perspectiva, no que tange ao aparato teórico a ser aplicado para a compreensão de fenômenos que se desenvolvem paralelamente à construção do modelo explicativo, que Kuhn (1998) já afirmava que teorias que se tornavam “obsoletas” não eram em princípio acientíficas simplesmente por terem sido descartadas sob uma perspectiva teórica inovadora, surgida num outro momento histórico (KUHN, 1998, p. 61), pois a ciência não teria caráter imutável. Isto quer dizer que, mesmo que a comunidade científica teorize no futuro (e talvez após o fim do conflito sírio) numa perspectiva diversa de estudos antecedentes, não se deslegitimam as perspectivas que forjaram a teoria anterior, e essa é a verdadeira revolução científica no dizer de Kuhn (1998, p. 66-7).

Não se descuida de que a sustentabilidade do estudo conjuntural do caso sírio e a necessidade de resposta teórica serão sempre uma tentativa de tradução da realidade,

ciente das limitações explicativas das estruturas teóricas, pois como salientou o próprio Waltz (2002), por mais que se queira representar a realidade, não será congruente nem com a teoria nem com um modelo que se possa desenhar absolutamente, pois as teorias não são edifícios da verdade, e estas verdades estão no campo das leis e não nas teorias, sendo que elas garantem que a teoria explica alguma parte da realidade, e é por isso distinta da realidade que explica (WALTZ, 2002, p. 20-1).

Apesar da advertência waltziana, sabe-se que teorizar é imprescindível, e foi advogando a validade do estudo teórico, mesmo diante de fenômenos em desenvolvimento, que Mearsheimer (2007) apontou que tanto a realidade dos fenômenos pode transmutar-se, quanto as teorias podem ter poder explicativo apenas em parte e num momento circunstancial, o que não anula o caráter de cientificidade de um estudo. Para Mearsheimer, tanto quanto a sua própria teoria, o realismo ofensivo, todas as teorias têm limites ao poder explicativo, mas ainda que sejam, em certo sentido incompletas e insuficientes, não se deve deixar de construí-las como uma forma de intuir inteligivelmente os fenômenos internacionais, inclusive fazendo-se previsões com esteio nelas (MEARSHEIMER, 2007, p. 27). Esse autor argumenta nesse sentido que segue:

Apesar destes riscos, os cientistas sociais devem, ainda assim, utilizar as suas teorias para fazer previsões acerca do futuro. As previsões ajudam a orientar o discurso político, já que nos servem de guia na compreensão dos acontecimentos que se desenrolam no mundo à nossa volta. E fazer previsões explícitas, clarificando pontos de discordância, ajuda os que têm visões contraditórias a enquadrarem as suas idéias de forma mais inteligível. Além disso, tentar prever novos acontecimentos é uma boa forma de testar teorias sociais, já que os teóricos não possuem o dom da adivinhação e, por conseguinte, são incapazes de ajustar os seus argumentos de modo a torná-los coerentes com os dados empíricos (pois estes ainda não estão disponíveis). Em suma, o mundo pode ser utilizado como laboratório para decidir quais as teorias que melhor explicam a política internacional (MEARSHEIMER, 2007, p. 25).

Não se deve escusar que pesquisas e estudos do conflito sírio são fundamentais porque têm guarida no interesse e preocupação da sociedade global, que se vê fustigada pela violência de um conflito que produz uma crise humanitária de enormes proporções. O conflito sírio precisa ser estudado por ser do interesse de toda a sociedade mundial, bem como pelas mazelas provocadas por um Sistema Internacional que é ineficiente para tratar crises e convulsões como a do Estado sírio. Produzir conhecimento nessa esfera é

gerar conhecimento útil para toda a sociedade, oferecendo-se a possibilidade, inclusive, de fomentar soluções palpáveis, além de debater com profundidade a questão.

Nesse sentido nunca será demais lembrar as irretocáveis lições de King, Keohane e Verba (1994, p. 74-79), que assinalaram a necessidade de se produzir conhecimento com utilidade para a sociedade, na tentativa de discutir questões que tivessem consequência política, social e econômica para a compreensão de temáticas que afetassem significativamente muitas vidas, trazendo contributos identificáveis para uma literatura específica. Nesse caso, não se pode olvidar de discutir e debater a possível reprodução de uma luta hegemônica antiga, atualmente entre os EUA e a Rússia no palco do Oriente Médio, assim como levantar as inferências que intrincam a questão no âmbito regional e doméstico do conflito, gerando mais possibilidades teóricas e empíricas para explicitar os principais ângulos da guerra síria.

2. Um conflito sírio tripartido em três dimensões ou níveis de análise: O âmbito internacional

Para um grande número de estudiosos da política internacional, o conflito sírio tem se traduzido como um fenômeno antigo, uma luta hegemônica relacionada com a reconquista de zonas de influência e ampliação de interesses materiais das grandes potências (GHOTME, 2014, p. 99). O conflito sírio tem confirmado, para além das análises regionais e domésticas (não menos importantes), que a disputa que se distribui sobre o território sírio, contra e a favor do governo de Bashar al-Assad, conta com uma importante dimensão internacional que contribui significativamente para a manutenção da guerra interna, sobretudo uma espécie de “reedição” da disputa entre os EUA e a antiga União Soviética (hoje representada pela Rússia), e que alguns alcunharam hoje de uma espécie de “Segunda Guerra Fria” (BANDEIRA, 2013, p. 532), ou uma nova guerra por “procuração”.

A guerra civil síria tem sido enxergada por muitos estudiosos como um cenário de embate geoestratégico entre os EUA e a Rússia (amparada pela potência chinesa), e compreendida com grande poder de tradução, pela leitura realista das relações internacionais, como a retomada do paradigma de um sistema internacional anárquico, realidade em que os Estados buscam, marcados pela luta pela sobrevivência e o pelo medo de serem subjugados, maximizar poder no Sistema Internacional, posto que a estrutura constrange a ação dos atores (WALTZ, 2002, p. 63). O argumento realista de que grandes potências, como EUA e Rússia, estão tentando maximizar seu poder no

Sistema Internacional na disputa pelo domínio geopolítico da região do conflito sírio, e que esse embate interfere decisivamente para a perpetuação do conflito, parece ser absolutamente defensável, tanto pela perspectiva histórica quanto pela lente teórica. Em Mearsheimer (2007), essa competição entre os Estados é permanente e as grandes potências buscam assumir a condição hegemônica, que se não pode ser global, será uma hegemonia ou domínio regional (MEARSHEIMER, 2007, p. 22-3).

A dimensão internacional ou sistêmica do conflito sírio é bastante patente e conforma um dos importantes fatores intervenientes na manutenção do conflito sírio. No caso em tela, os Estados Unidos têm atuado por meio de sanções ao regime sírio, bem como ameaçado o governo do ditador Bashar al-Assad de sofrer uma intervenção militar pelas atrocidades cometidas contra sua própria população. Os Estados Unidos também têm atuado na sustentação financeira e militar de milícias rebeldes, como o Exército Livre da Síria (formado em sua maioria por desertores do exército regular do Estado sírio e é uma das maiores forças opositoras ao governo de Bashar al-Assad), enquanto financia o combate ao grupo radical Estado Islâmico (GHOTME, 2014, p. 100-1), inclusive com transferência de material bélico, e esse fator pode ser mensurado e quantificado.

Segundo dados do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI, 2017), os EUA detêm o maior volume de transferências internacionais de armas, que aumentou em 8.4 % entre o período de 2007-2011 e 2012-2016. Dentre os cinco maiores provedores de armas para conflitos, como o que ocorre na Síria, estão os EUA, a Rússia e a China, não por acaso, países envolvidos diretamente no conflito sírio. Os três países, juntamente com a França e a Alemanha, representam 74% do volume das exportações de armas no mundo. O SIPRI (2017) também revela que, por região, o fluxo de armas no Oriente Médio obteve um aumento de 61% entre o período de 2006-2010 a 2011-2017, crescimento impulsionado em grande medida pelo conflito sírio, que já perdura mais de seis anos. Anota-se, ainda, que EUA, Rússia e China são responsáveis por mais da metade dos orçamentos militares dentre as nações que mais gastam militarmente, conforme gráficos do SIPRI de 2017 e 2016 respectivamente.

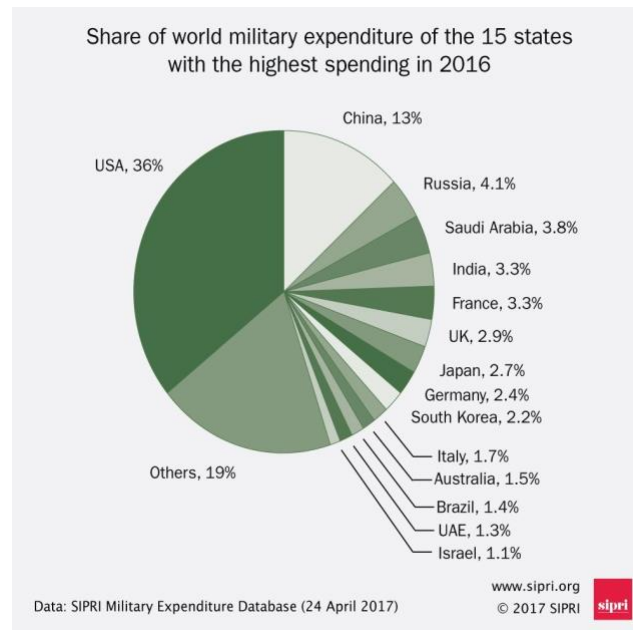


Table 1. The 15 countries with the highest military expenditure in 2016


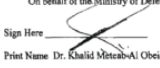


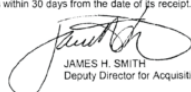
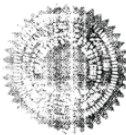
Spending figures are in US\$, at current prices and exchange rates. Figures for changes are calculated from spending figures in constant (2015) prices. Figures may not add up to displayed totals due to the conventions of rounding.

Rank		Country	Spending, 2016 (\$ b., MER)	Change, 2007–16 (%)	World share, 2016 (%)	Spending as a share of GDP (%) ^b	
2016	2015 ^a					2007	2016
1	1	USA	611	-4.8	36	3.8	3.3
2	2	China	[215]	118	[13]	[1.9]	[1.9]
3	4	Russia	69.2	87	4.1	[3.4]	5.3
4	3	Saudi Arabia	[63.7]	20	[3.8]	8.5	[10]
5	7	India	55.9	54	3.3	2.3	2.5
6	5	France	55.7	2.8	3.3	2.3	2.3
7	6	UK	48.3	-12	2.9	2.2	1.9
8	8	Japan	46.1	2.5	2.7	0.9	1.0
9	9	Germany	41.1	6.8	2.4	1.2	1.2
10	10	South Korea	36.8	35	2.2	2.5	2.7
11	11	Italy	27.9	-16	1.7	1.6	1.5
12	13	Australia	24.6	29	1.5	1.8	2.0
13	12	Brazil	23.7	18	1.4	1.5	1.3
14	14	UAE ^c	[22.8]	123	[1.3]	[3.3]	[5.7]
15	15	Israel	18.0	19	1.1	6.7	5.8
Total top 15			1 360	..	81
World total			1 686	14	100	2.3	2.2

[] = SIPRI estimate; GDP = gross domestic product; MER = market exchange rates; UAE = United Arab Emirates.

Os EUA são acusados de manter, inclusive, redes ilegais para transferências de armas e dólares para rebeldes que lutam no conflito sírio. Organismos como o *Balkan Investigative Reporting Network* (BIRN, 2017), identificaram mais de 700 milhões de dólares em gastos com armas e munições desde setembro de 2015, inclusive, entre outros trajetos, suspeita-se que o transporte do armamento seja feito via bases militares norte-americanas na Alemanha. O BIRN afirma, ainda, que embora os EUA recorressem tradicionalmente à Romênia e à Bulgária em busca de armamentos não-

convencionais, o aumento da demanda obrigou o Estado norte-americano a procurar fornecedores. como a República Checa, a Bósnia Herzegovina, a Sérvia, e até países vizinhos da Rússia, como a Ucrânia, a Geórgia, o Cazaquistão e o Afeganistão. Registros do Balkan Arms Trade (BAK, 2017), numa de suas investigações, revela documentos do governo norte-americano que confirmam a transferência de material bélico para combate do terrorismo no Estado Iraquiano via governo da Bulgária (imagem abaixo).

A Standard End User Certificate	A "Misleading" SOCOM End User Certificate										
<p>In the name of God, all Merciful, all Compassionate</p>  <p>Republic of Iraq Ministry of Defense</p> <p>TO WHOM IT MAY CONCERN</p> <p>END USER CERTIFICATE</p> <p>The Ministry of Defense of Iraq has purchased the following items from Chemring Military Products, 10625 Packett Road, Perry, Florida, 32348 USA under U.S. Army Contracting Command-Rock Island contract # W52P1J-12-D-0084/0014. The items will be supplied by Spring Factory Co, 2, Rabotnicheska Str, Kuen, Bulgaria 6140. Under the Terms and Conditions of Foreign Military Sales, P1-B-AAR, the Ministry of Defense of Iraq has agreed the items are for the exclusive use of the Iraqi Army and will NOT be diverted or exported to any third party without consent from the Government of Bulgaria.</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Description</th> <th>Quantity</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>7.62x54mm belts (100 round) for PK, PKM</td> <td>48,000 each</td> </tr> </tbody> </table> <p>We confirm that the said stores are required for use of the Republic of Iraq, and that none or any part thereof shall be exported for sale to any other country without prior agreement/approval of the government of Bulgaria.</p> <p>Furthermore, we take the responsibility to send a "Delivery Verification Certificate" for each individual consignment of goods within thirty (30) days from the date of receipt.</p> <p>The signature of the authorized official shown below serves to prove the authenticity of the End User Certificate.</p> <p>This End User Certificate is issued in the City of Baghdad, Republic of Iraq on the 12 day of January 2015.</p> <p>On behalf of the Ministry of Defense, the Republic of Iraq.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div> <p>Sign Here</p>  <p>Print Name: Dr. Khalid Muteab Al Obaidi Title: Minister of Defense</p> </div> <div> <p>Sign Here</p>  <p>Print Name: LTG Hadi Adnan Salama Title: Director General Armament and Supply</p> </div> </div> <p>EUC Control Number: JMC-15-016</p>	Description	Quantity	7.62x54mm belts (100 round) for PK, PKM	48,000 each	 <p>UNITED STATES SPECIAL OPERATIONS COMMAND 7701 TAMPA FORN BOULEVARD MACDILL AIR FORCE BASE, FLORIDA 33607</p> <p>END USER CERTIFICATE 9 JUN 2015</p> <p>This is to certify that the items listed below were ordered by Special Operations Forces Acquisition, Technology and Logistics Contracting office, MacDill Air Force Base, Florida, USA, under Contract H9222-15-C-0023, issued to UDC USA, Inc.</p> <p>The following items will be supplied from VMZ in Sopot, Bulgaria, License number 11.00-733-1/27.01.2015.</p> <p>Supplier: VMZ 1, "Ivan Vazov" Blvd., 4330 Sopot, Bulgaria,</p> <p>Buyer/Subcontractor: Engineering and Technical Services Support (E&TSS) 106 Premier Building PO Box 1015 Victoria, Mahe, Seychelles</p> <p>Prime Contractor: UDC USA, Inc. 4030 W. Boy Scout Blvd Suite 460 Tampa, Florida, 33607, USA</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Item</th> <th>Description</th> <th>Quantity</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1</td> <td>PG-9V for Training</td> <td>48</td> </tr> </tbody> </table> <p>Place of delivery of the goods will be Ali Al Salem Airbase, Kuwait by way of Burgas Airport, Bulgaria.</p> <p>We also certify that the United States Government takes responsibility for all listed items and they are to be used for defense purposes including direct use by or for the United States Government and its NATO allies and partners in support of United States training, security assistance, and stability operations.</p> <p>Furthermore, we take the responsibility to send "Delivery Verification Certificate" to UDC for each individual consignment of goods within 30 days from the date of its receipt.</p> <div style="text-align: right;">  <p>JAMES H. SMITH Deputy Director for Acquisition</p> </div> 	Item	Description	Quantity	1	PG-9V for Training	48
Description	Quantity										
7.62x54mm belts (100 round) for PK, PKM	48,000 each										
Item	Description	Quantity									
1	PG-9V for Training	48									

Fonte: Balkan Arms Trade (2017) e Balkan Investigative Reporting Network (2017)

O Departamento de Defesa dos EUA orçou em US\$ 584 milhões para operações na Síria, entre os anos fiscais de 2017 e 2018, com destinação, segundo o BIRN, de outros 900 milhões de dólares em gastos com munição de modelo soviético até 2022. No total, cifra-se em 2,2 bilhões para financiamento de milícias no território sírio, sob o argumento oficial de combate ao grupo radical Estado Islâmico. Ainda segundo o BIRN, as armas e munições que o Pentágono está fornecendo à Síria são despachadas por meio de gigantesca rede logística, que inclui um “exército” de revendedores de armas, companhias de navegação, companhias aéreas de carga, bases militares (inclusive alemãs), aeroportos e portos balcânicos. Todas as compras são encaminhadas

por intermédio de dois canais oficiais: um é administrado pelo Comando de Operações Especiais dos EUA (SOCOM) e o outro é operacionalizado pelo *Picatinny Arsenal*, um depósito de armas de Nova Jersey (BIRN, 2017). O próprio Departamento de Defesa dos EUA reconheceu indiretamente o envolvimento dos EUA na negociação de recursos para o conflito, ao encerrar “oficialmente” a Operação *Timber Sycamore*, financiada pela CIA, que buscava armar rebeldes sírios para lutar contra o presidente Assad.

A coalizão formada em 2014 para o combate ao Estado Islâmico, segundo o próprio departamento de Estado norte-americano, tem como uma de suas cinco metas, o “fornecimento de apoio militar aos combatentes”, embora não haja nenhuma divulgação ostensiva dos valores gastos, a origem do material bélico de apoio específico e de onde viriam as armas. Esta meta é um dos cinco pilares que sustentam a coalizão de forças contra o Estado Islâmico e anunciada em setembro de 2014, conforme declaração do Departamento de Estado dos Estados Unidos (US DEPARTMENT OF STATE, 2014).

O envolvimento russo, por sua vez, parece ainda maior que o norte-americano, tendo em vista as bases militares russas na Síria, assim como os interesses econômicos na região. O próprio presidente russo, em declaração à imprensa divulgada por todo o mundo, em 17 de março deste ano de 2017, tornou público que a Rússia havia gasto em torno de 480 milhões de dólares via orçamento de defesa, cerca de 33 bilhões de rublos. Suspeita-se que esses gastos seriam muito maiores, tendo em vista os gastos não declarados com o conflito, remessas ilegais de armas e outros arsenais, que por questões estratégicas não poderiam ser divulgados, conforme informação divulgada pelo Sputnik news (2017), em 17 de março de 2017, em vários meios de comunicação do mundo, inclusive em jornais estadunidenses, ingleses, alemães, italianos e brasileiros e, principalmente, por agências de comunicação russas, sendo de conhecimento notório e público.

Em outro flanco, os EUA também têm buscado no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) emplacar resoluções interventivas que tragam o aval e a legitimidade multilateral do conselho de nações, no entanto, têm sido obrigados a recuar pela contenção exercida pelos vetos da Rússia e da China no CSNU. A Rússia e a China se interpõem como pólos opostos que se contrapõem à hegemonia norte-americana, impedindo uma ação multilateral sob a liderança norte-americana na região estratégica em que se desenvolve o conflito (KURI, 2016, p. 46). Russos e chineses, além de vetarem as iniciativas norte-americanas no Conselho de Segurança da ONU, vêm sustentando o regime do ditador Assad por meio de apoio político, econômico e militar,

confrontando a hegemonia norte-americana que ameaça avançar sobre a geopolítica do Oriente Médio (HERNANDEZ, 2015, p. 35). Para alguns pesquisadores como Gause (2014) e Visentini (2014), dentre outros, Washington tem seu poder solapado na região do Oriente Médio, sobretudo depois dos levantes da Primavera Árabe, de modo que os norte-americanos já não são mais capazes de influenciar sistematicamente nas escolhas feitas no Oriente Médio, refletindo uma gradual perda de influência e poder regional.

O conflito sírio tem demonstrado que as ações das grandes potências na região adequam-se à lógica estadocêntrica, onde os EUA e a Rússia, sobretudo, orientam suas ações em termos racionais, visando à ampliação dos interesses geopolíticos na região do conflito. Numa luta que remonta ao período da Guerra Fria, tem-se atualmente uma potência hegemônica (EUA), extremamente contestada (e, quiçá, em declínio de poder) no âmbito internacional (FERGUSON, 2011, p. 62-4), que busca projetar poder hegemônico na região do Oriente Médio desde a desagregação da União Soviética (PECEQUILO, 2012, p. 128), em oposição à potência russa, (antiga aliada do regime sírio e próxima ao regime iraniano), que além de manter bases militares no território sírio (Tartus e Lataquia), é um dos maiores investidores nos projetos sírios de exploração petrolífera e de gás (KHANNA, 2008, p. 288).

Não raramente, muitos analistas defendem que a Rússia tenta barrar a projeção de poder norte-americano na região do conflito, desde as guerras de prevenção e expansão (de 2001 a 2012) no contexto da Guerra Global contra o Terror, em que os norte-americanos invadiram o Afeganistão (2001), fizeram guerra contra o Iraque (2003), depondo o ditador Saddam Hussain, e tinham dentro da lógica da Doutrina Preventiva de George W. Bush, o Iran e a Síria como potenciais alvos da Guerra contra o terrorismo (AMINEH & HOUWELING, 2005, p. 213). Para estes analistas, os interesses econômicos norte-americanos se somam aos interesses estratégicos para o arrefecimento do poder e da influência russa e iraniana na região, enquanto a Rússia movimenta-se desde a década de 1990 para ressuscitar a doutrina oitocentista do eurasianismo como uma alternativa ao comunismo, buscando retomar o expansionismo do passado (KAPLAN, 2013, p. 179-80).

3. Uma disputa hegemônica via ONU: Breve análise do embate “russo-estadunidense” no Conselho de Segurança

A disputa hegemônica que se estabelece entre os EUA e a Rússia no contexto do conflito sírio tem incidido como uma causa para a paralisia do Conselho de Segurança

das Nações Unidas, na medida em que a Rússia tem usado seu poder de veto, mais de uma vez, para impedir a aprovação de sanções mais severas contra o regime sírio. Embora conferências para a paz como as de Genebra I e Genebra II tenham sido realizadas para a superação do impasse que já dura mais de seis anos, o dissenso entre os EUA e a Rússia (apoiada pela China), e a falta de apoio global, perpetuam resistências no território sírio, o que gera um desgaste imenso para a comunidade de Estados que compõem as Nações Unidas e coloca mais uma vez em xeque os valores liberais e democráticos defendidos por esta comunidade (PÉREZ, 2015, p. 211).

Um elemento que comprova o impasse do conflito sírio provocado pela luta hegemônica entre as grandes potências e se coloca no âmbito sistêmico é o embate entre os EUA e a Rússia no Conselho de Segurança da ONU, quando se constata a luta no campo diplomático das Nações Unidas, **tendo a Rússia vetado até o presente momento (julho de 2017), oito propostas resolutivas** encabeçadas em sua maioria pelos EUA, segundo mostram os documentos da própria ONU, aqui citados resumidamente, com os números das resoluções vetadas (ONU, 2017).

O Conselho de Segurança da ONU é formado por quinze membros, sendo cinco membros permanentes com poder de veto: os Estados Unidos, a França, o Reino Unido, a Rússia e a China. Os demais dez membros são eleitos pela Assembleia Geral para mandatos de dois anos. Uma resolução do Conselho de Segurança é aprovada se tiver maioria de nove dos quinze membros, sendo que deve contar com os votos dos cinco membros permanentes para aprovação. Um voto negativo de um membro permanente configura um veto à resolução. A abstenção de um membro permanente não configura veto.

Os dados apontam que a Rússia vetou oito vezes as propostas norte-americanas e a China, seis vezes, sendo uma vez em 4 de outubro de 2011, quando medidas do Conselho de Segurança prometiam impor repressão ao regime de Bashar al-Assad, com nove países a favor e quatro abstenções, a **resolução S/2011/612, S/PV 6627**, marcando o contraponto russo às investidas futuras dos EUA e aliados. Nesse veto a Rússia declara-se defensora do princípio da não-intervenção, da soberania do povo sírio e da autodeterminação da nação síria, conforme se observa na declaração do representante russo no conselho (UNSC, 2001, p. 3-4):

De vital importancia es el hecho de que la esencia del proyecto de resolución de Rusia y de China fue la lógica del respeto de la soberanía nacional y la integridad territorial de Siria, así como el principio de la no injerencia, incluida la de índole militar, en sus

asuntos; el principio de la unidad del pueblo sirio, absteniéndose del enfrentamiento e invitando a todos a un diálogo imparcial y amplio dirigido a lograr una paz civil y un acuerdo nacional reformando de la vida socioeconómica y política del país. Hoy el rechazo del proyecto de resolución se basó en una filosofía muy diferente: la filosofía del enfrentamiento. No podemos estar de acuerdo con esta postura unilateral y acusatoria adoptada contra Damasco. Consideramos inaceptable la amenaza de un ultimátum y de la imposición de sanciones contra las autoridades sirias. Ese enfoque contraviene el principio de un arreglo pacífico de la crisis sobre la base de un diálogo nacional plenamente sirio (Resolución vetada, S/2001/612 – S/PV 6627, p. 3-4).

Em fevereiro de 2012, após um bombardeio que deixou 230 mortos em Homs, segundo os opositores do regime, o veto russo-chinês recusou a implantação de um projeto entre árabes e países pró-intervenção para intervir no regime do ditador, condenando a repressão do regime. Treze países foram favoráveis à **resolução S/2012/77, S/PV 6711**, menos Rússia e China. Nessa resolução houve clara indisposição entre a representante dos EUA e o representante russo, evidenciando-se uma espécie de tentativa de avanço norte-americano na derrubada do governo Assad e uma resistência russo-chinesa aos intentos estadunidenses, como se pode evidenciar nos trechos abaixo, da declaração da legação estadunidense e russa respectivamente (UNSC 2012, p. 5-9):

Los Estados Unidos están indignados por el hecho de que un par de miembros de este Consejo sigan impidiéndonos que cumplamos nuestro único objetivo aquí, que es hacer frente a una crisis cada vez más intensa en Siria y a una amenaza cada vez mayor a la paz y la seguridad regionales. Desde hace meses, este Consejo ha estado condicionado por un par de miembros. Esos miembros se escudan en argumentos vacíos de significado e intereses particulares, retrasando y tratando de despojar de contenido cualquier texto con el que se pudiera presionar a Al-Assad para que cambie de manera de actuar. Esa intransigencia resulta especialmente vergonzosa si tenemos en cuenta que al menos uno de esos miembros sigue proporcionando armas a Al-Assad. Hace tiempo que los Estados Unidos dijeron que ya es hora de que el Consejo asuma sus responsabilidades e imponga sanciones selectivas estrictas y un embargo de armas al régimen de Al Assad, como muchos países ya han hecho por su cuenta (Declaración estadunidense, Resolución vetada S/2012/77, S/PV 6711, p. 5).

Em julho do mesmo ano (2012), o veto russo-chinês voltou a embargar uma resolução que ameaçava Damasco com sanções, com 11 apoios, dois vetos (Rússia e China) e duas abstenções, a **resolução S/2012/538, S/PV 6810**. Em 22 de maio de 2014, o veto russo-chinês impediu que se levassem as partes do conflito ao Tribunal Penal Internacional, a **resolução S/2014/348**. Nesta resolução, a representante norte-

americana põe em jogo a reputação do Conselho diante do que chama de “desgraça” da decisão russa em continuar defendendo o regime sírio e chancelando as atrocidades do regime, mesmo diante de documentos e fotos estarrecedoras de massacres na região do conflito. Em resposta, o representante russo ataca a delegação estadunidense pela hipocrisia, conforme informa o texto da ata que segue (UNSC 2014, p. 14):

Los Estados Unidos a menudo indican a otros la opción de la Corte Penal Internacional, pero se muestran renuentes a adherirse al Estatuto de Roma. En el proyecto de resolución de hoy, los Estados Unidos insistieron en lograr una exención para sí mismos y para sus ciudadanos. Gran Bretaña es parte en la Corte Penal Internacional, pero por algún motivo, no se muestra entusiasta en cuanto a que se estudien en la Corte los delitos cometidos por nacionales británicos durante la guerra del Iraq. Si los Estados Unidos y el Reino Unido remitieran de manera conjunta el expediente del Iraq a la Corte Penal Internacional, el mundo vería que realmente están en contra de la impunidad (Resolution vetada S/2014/348, S/PV 7180, p. 14).

Em 8 de outubro de 2016, foi rejeitada a proposta francesa, em orientação com os EUA, para o término imediato dos bombardeios na cidade de Aleppo, com o veto russo e a abstenção chinesa, a **resolução S/2016/847**. Em dezembro de 2016, a Rússia e a China viriam a vetar uma resolução semelhante que exigia um armistício em Aleppo por sete dias, a **resolução S/2016/1016**. Neste ano de 2017, no mês de fevereiro, a Rússia e a China impediram, com vetos no Conselho de Segurança da ONU, uma medida punitiva ao ditador Bashar al-Assad pelo uso de armas químicas contra a população e as forças oposicionistas, a **resolução S/2017/172, S/PV 7893**.

Nesta resolução, os EUA protestam veementemente, declarando ser vergonhoso o comportamento sino-russo, afirmando ainda que a Rússia e a China haviam tomado “una decisión indignante e indefinible. Han rechazado la posibilidad de que el régimen de Bashar Al-Assad rinda cuentas pelo empleo de armas químicas” (UNSC 2017, p. 4). Nesta mesma resolução, a Rússia declara que as investigações impostas pela trinca ocidental são tendenciosas e pouco objetivas, não sendo conclusivas sobre o uso de armas químicas pelo governo Assad, ao mesmo tempo em que ignoram os ataques químicos de grupos extremistas contra o regime de Assad.

A Rússia questiona-se retoricamente em certo trecho do documento, que outras razões geopolíticas haveriam por trás das ações dos países proponentes das sanções resolutivas. Na fala do representante russo, inclusive, veicula-se que as ações do Conselho de Segurança, patrocinadas pelas iniciativas dos EUA, poderiam ter o perigo de se estender por outros países do Oriente Médio, denunciando uma clara percepção de

uma luta hegemônica e de maximização de poder na região. Nesse sentido, citamos alguns trechos do documento com o rechaço russo:

*Es preciso corregir con urgencia su equilibrio geográfico. Seamos francos: todo este asunto refuerza la impresión de que los autores del proyecto de texto que hoy se sometió a votación necesitaban el Mecanismo Conjunto de Investigación con el único propósito de responsabilizar al Gobierno de Al-Assad del uso de armas químicas y presentar así motivos adicionales para un cambio de régimen en Damasco. Debemos recalcar una vez más que esta obsesión con ese **proyecto geopolítico destructivo** (grifo nosso) sigue siendo un obstáculo que impide pensar con claridad y sopesar las decisiones con detenimiento con el objetivo de alcanzar una solución política, no solo en Siria, sino también en otros focos de tensión en el Oriente Medio. Consideramos que hay una tendencia clara de presionar políticamente al Mecanismo y condicionar los resultados de la investigación (Resolution vetada S/2014/348, S/PV 7180, p. 7-8).*

Em outro trecho da mesma resolução vetada, o representante russo prossegue em seus protestos contra a atuação dos EUA em aprovar o pacote de sanções contra o governo sírio (UNSC, 2017, p. 7-8):

*En el anexo del proyecto de resolución se menciona la prohibición de suministrar a Siria un gran número de sustancias químicas, la mayoría de las cuales no tienen nada que ver con la Convención sobre las Armas Químicas. El hecho de imponer un embargo a las exportaciones de dicho país podría dificultar la capacidad para cubrir importantes necesidades económicas y agrícolas, en particular teniendo en cuenta que ya hay sanciones unilaterales en vigor. Prohibir el suministro de helicópteros, piezas de repuesto y servicio técnico podría considerarse un intento de debilitar las actividades para combatir el terrorismo que está realizando Damasco, por no mencionar la función esencial que desempeñan las aeronaves pequeñas a la hora de resolver cuestiones humanitarias en un conflicto armado. **Nos gustaría saber contra quién y con qué fin se ha elaborado este proyecto de resolución** (grifo do autor). (Resolution vetada S/2014/348, S/PV 7180, p. 7-8).*

Em julho deste mesmo ano de 2017, a Rússia voltou a vetar a resolução proposta pelos EUA, Inglaterra e França para punir o regime de Assad por novo ataque químico, a **resolução S/2017/315**. O texto desta resolução recebeu dez votos a favor, três abstenções (entre estas a abstenção da China) e dois vetos (Rússia e Bolívia), com novos entreveros ríspidos entre russos e chineses de um lado e norte-americanos e aliados no outro pólo.

Esse quadro sugere ao menos, que o impasse no campo diplomático, relatado em fontes oficiais traduzidas nos embates no Conselho de Segurança da ONU, aponta para uma luta renhida entre as maiores potências do sistema, uma porfia que ultrapassa

claramente os interesses humanitários da sofrida população síria, que padece no meio de um interminável conflito. Estes elementos geram uma forte suspeita de maximização de poder na região do conflito em âmbito internacional (o que inclui não só interesses políticos, mas também econômicos na região) entre os EUA e a Rússia.

4. O nível de análise regional: O complicado mosaico regional do Oriente Médio.

Assim como no nível internacional, a compreensão das ações dos atores estatais na política regional no entorno do conflito do Estado sírio pode ser visualizada sob o estigma da teoria realista e suas vertentes, quando se destaca a preocupação dos países da região (Arábia Saudita, Catar, Iraque, Iran, Líbano, Israel, Turquia, Emirados Árabes Unidos e Egito) na preservação de interesses, na contenção das ameaças reais ou percebidas à sua segurança e na intenção de conquistar mais poder e influência na região (MOHAMMED, 2016, p. 41-2).

A política dos Estados do Oriente Médio no entorno do conflito sírio encaixa-se no quadro de ações sob o estigma da *realpolitik*, quando Estados no contexto anárquico de uma história de conflito agem racionalmente para maximizar poder e ampliar os interesses políticos e econômicos, estabelecendo dilemas de segurança no epicentro da região (CORDESMAN, 2014, p. 7). A formação de blocos de Estados que apóiam o regime sírio de um lado, e do outro lado, de um grupo de Estados que contribuem para a queda do regime ditatorial de Assad na política regional conflitante, demonstra um efeito reflexo entre um Estado que se arma para defender-se e os Estados inimigos que são incentivados a aumentar os meios militares e armamentistas diante do aumento de força do adversário (AGUILAR; FURTADO & RODER, 2014, p. 16).

Para estes autores, no sistema regional, o mundo árabe também se encontra envolvido no conflito sírio. Segundo eles, “Os países vizinhos Turquia, Catar e Arábia Saudita são acusados de armar e dar treinamento militar aos opositoristas de Assad. Enquanto isso, Iran, Iraque e Líbano gastam bilhões de dólares amparando o governo e oferecendo equipes de elite para trabalhos de inteligência e de treinamento militar” (AGUILAR; FURTADO & RODER, 2014, p. 3).

A política realista regional que subjaz sob o tecido do conflito sírio demonstra uma clara polarização de forças que buscam ampliar seu poder político e influência na região, bem como camufla interesses econômicos que geram apoios pró e contra o regime de Assad. Para boa parte da literatura que discute a questão, dentre os quais Kuri (2016); Bandeira (2013 e 2016); Garcia (2015); Raja (2015); Hall (2013); Aguilar,

Furtado e Roder (2014), Zahreddine (2013); Cordesman (2014); Ghotme, Garzón e Ortiz (2014), Kaplan (2013), Gause (2014), Haykel (2013), R. Hernandez (2015), existe uma disputa hegemônica no âmbito regional que coloca países, como **Arábia Saudita, Catar, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Egito, Israel e Turquia**, interessados na derrocada do regime do ditador sírio, enquanto países, como **Iran, Iraque e Líbano**, posicionam-se favoráveis à manutenção do poder pelo governo Assad. O apoio desses países, transmutado em arsenal bélico, treinamento, aporte militar e financeiro, tem se refletido na perenização do conflito sírio no contexto regional.

Nesse sentido, a literatura tem assinalado ações intervencionistas dos países vizinhos, que vão desde a transferência de medicamentos, equipamentos de comunicação, veículos, alimentos, arsenal bélico, assistência militar e recursos financeiros. A Arábia Saudita, por exemplo, tem fornecido ajuda logística e financeira unilateral à Frente Islâmica (um grupo radical ou de ideologia fundamentalista, defendendo um Estado que funcione sob a lei islâmica após a queda do governo de Bashar al-Assad.), uma organização opositora que a Arábia julga próxima de sua ideologia islâmica conservadora e anti-jihadista (ZAHREDDINE, 2014, p.). A Arábia Saudita é o Estado que encabeça a oposição ao regime sírio, tem apoio dos Estados Unidos e busca ampliar sua influência política na região em detrimento do regime iraniano, que é aliado do governo sírio (BANDEIRA, 2017, p. 74). A Arábia Saudita busca, ainda, através do domínio dos recursos energéticos e das rotas para o transporte de gás e petróleo, ampliar sua riqueza econômica (GAUSE, 2014, p. 25). Para isso, o regime sunita dos sauditas precisa de um ambiente político estável para poder escoar petróleo e gás de uma região que vai do Catar, passando pela Arábia Saudita, atravessando o território sírio até o mediterrâneo e a Europa (GHOTME, GARZÓN & ORTIZ, 2015, p. 15). O regime do Catar também tem se utilizado dos petrodólares para o financiamento de milícias opositoras ao regime, num alinhamento geoestratégico junto à Arábia Saudita, buscando lograr reconhecimento global na arena internacional, numa estratégia de se consolidar como um ator importante na região, fazendo uso maciço, inclusive, do aparato de comunicação através da rede Al-Jazeera (HAYKEL, 2013, p. 1-2).

Outro exemplo da influência geopolítica dos países no entorno do conflito é a Turquia. Este Estado tem sido apontado como um importante ponto de apoio logístico às milícias rebeldes, como a Coalizão Nacional Síria. A Turquia, que conta com a

vantagem de fazer parte da União Européia, busca alçar-se à liderança regional, tendo grande interesse econômico e político na derrocada do regime sírio e pacificação da região. No combate ao regime de Assad, os turcos embargam a venda de armas para o governo da Síria, além de imporem embargos econômicos, como a suspensão de contratos (R. HERNANDEZ, 2015, p. 329). O regime turco tem sido diretamente afetado pelo conflito devido à imensa massa de refugiados que se abrigou em suas fronteiras devido à guerra síria.

No outro lado do espectro geoestratégico, países como o Iran e o Líbano (sobretudo por meio do Hezbollah) têm investido recursos para a manutenção do governo do ditador Assad, como um foco de resistência religioso de berço xiita em oposição aos sunitas, mas também como barreira geopolítica ao avanço dos interesses de países, como Israel e Arábia Saudita, apoiados pelos interesses norte-americanos (GARCIA, 2015, p. 34). Para Ghotme, Garzón e Ortíz (2015, p. 21-2), o Estado iraniano tem desempenhado um importante papel no apoio econômico, político e militar para a manutenção do regime de Assad e para a perpetuação do conflito, pois o Iran tem se engajado no fornecimento de ajuda em inteligência, comunicações, assessoria na segurança para o controle e manipulação de armas, assim como o envio de munições para a guerrilha pela longa fronteira com a Síria.

Os autores acrescentam, ainda, que no caso do Líbano, o conflito interfere diretamente na estabilidade e segurança do país, pois entre outras questões, o Líbano também tem recebido grandes levadas de refugiados sírios. O Hezbollah, um dos partidos políticos mais influentes do Líbano, desafia a posição de “neutralidade” do Estado libanês, contribuindo materialmente para a manutenção do regime de Assad com envio maciço de militantes e material armamentístico para combatentes no Estado sírio, ajudando o governo a recuperar localidades como Al-Qusayr, Qalamun e partes de Aleppo (GHOTME, GARZÓN & ORTÍZ, 2015, p. 22).

Todo esse contexto regional indica uma clara luta por poder e influência na região, o que parece provocar a manutenção e distensão do conflito interno do Estado sírio.

5. O nível de análise da política doméstica: O microcosmo do conflito em movimento.

No nível doméstico, evidencia-se como fator ou variável independente fundamental para a perenização do conflito sírio, os diversos grupos combatentes nascidos das

clivagens de caráter étnico-religiosas dentro do território sírio. Espada (2015, p. 100) assinala que a divisão religiosa na Síria deu origem a inúmeras facções rebeldes que se multiplicam no território sírio, muitas vezes com interesses políticos contrários entre si. Para este autor, do lado da milícia rebelde que luta contra o governo Assad, distinguem-se duas frentes principais, que se dividem em grupos de atores políticos, nos quais se destacam o Conselho Nacional Sírio e o Exército Livre da Síria. De outro lado, estão os grupos jihadistas que pretendem instaurar um Estado Islâmico no Estado Sírio com a Xariá ou Xaria (erroneamente grafado Sharia) como Lei Maior. A Xaria trata do direito islâmico e a aplicação dos textos sagrados islâmicos como normas de orientação estatal é utilizada por alguns Estados

Nesse sentido, destacam-se a Frente Al-Nusra, grupo de milicianos vindos de diversos redutos da Síria e filiado à Al-Qaeda (Organização internacional fundamentalista islâmica, constituída por células que espalham sua orientação política pelo Oriente Médio, utilizando-se de atentados terroristas contra os regimes que se opõem à sua ideologia, insurgindo-se, sobretudo, contra países do Ocidente ou de orientação política ocidental).

Outro grupo a ser destacado é o Estado Islâmico do Iraque e Síria, grupo jihadista radical e bastante violento que surgiu entre dissidentes da Frente Al-Nusra e tem atuado entre outros países, em partes do território sírio e também no Iraque (ESPADA, 2015, p. 102-3). Também registra o autor a presença de mais dois grupos rebeldes importantes, o Exército Islâmico (formado por parte de dissidentes do Exército Livre da Síria) e a Frente Islâmica. Para Espada (2015), esses grupos rebeldes têm recebido apoio de países, como Arábia Saudita, Jordânia, Catar e Turquia, embora estejam fragmentados na luta contra o governo de Bashar al-Assad.

Pérez (2015, p. 207-8) aponta a fragmentação da oposição ao regime de Assad, sinalizando para uma oposição política e uma oposição armada na Síria. Dentre os que estão no campo da oposição política ao regime, destacam-se a Coalizão Nacional Síria, o Conselho de Coordenação Nacional para a Mudança Democrática, o Comitê Supremo Curdo e o Partido Nacionalista Social Sírio. No âmbito da oposição armada, tem-se o Exército Livre da Síria, o Estado Islâmico do Iraque e Levante, a Frente Al Nusra, e a Frente Islâmica. Para Pérez, todos esses grupos pretendem objetivos diversos, pois contam com uma visão particular para o futuro da Síria. Pérez destaca que a incompatibilidade de muitos dos atores da oposição é um fator grave que causa limitação ao poder de resolução do conflito sírio. Nesse contexto doméstico, cada

facção política, assim como os braços militares oposicionistas ao regime, sustenta visão distinta para o futuro político do Estado sírio, o que reduz drasticamente a ação unificada das forças opositoras e contribui para perenização do conflito. Saliente-se que Pérez argumenta nesse sentido que:

La composición de estos grupos, sus intereses, los medios por los que quieren avanzar sus objetivos, los recursos con los que cuentan, así como su visión de la futura Siria, ha determinado en gran medida la dinámica del conflicto. Por ello, es pertinente hacer una breve mención de sus características. Empecemos con la oposición política. La Coalición Nacional Siria se conforma de opositores en el exilio con contactos con el Ejército Libre de Siria (els), es apoyada por occidente y países del golfo y es el único grupo de la oposición que participa en las conversaciones de paz en Ginebra, Suiza. El Consejo de Coordinación Nacional para el Cambio Democrático es una de las principales organizaciones políticas opositoras al interior de Siria, y se compone de alrededor de quince partidos de izquierda y panarabistas, varias formaciones kurdas y figuras independientes [...] Tampoco el Comité Supremo Kurdo, principal agrupación de los kurdos sirios, participa en las conversaciones de Ginebra. Esta organización nació en junio de 2012 por un acuerdo entre el Partido de la Unión Democrática y el Consejo Nacional Kurdo (cnk), y agrupa a trece partidos. Se encuentra bajo los auspicios del presidente kurdo-iraquí Masud Barzani. Este comité está dividido por las fricciones de sus integrantes al grado de que algunos de sus miembros, los del cnk, participaron en Ginebra, en calidad de miembros de la Coalición Nacional Siria (cnfros). El Partido Nacionalista Social Sirio (pnss) es una de las fuerzas políticas toleradas por el régimen de Bashar Al-Asad. El partido de corte transformador demanda reformas políticas, un diálogo nacional y una transición pacífica hacia la democracia (PERÉZ, 2015, p. 208-9).

Para Ghotme e Ripoll (2014), as forças islâmicas que lutam contra as forças militares oficiais do governo estão divididas em duas vertentes por assim dizer: Os Jihadistas vinculados à Al-Qaeda e os Jihadistas da Frente Islâmica e da Frente Islâmica de Salvação Síria. Para estes autores, esta vertente tem em comum uma ideologia islâmica similar, que reivindica um Estado islâmico depurado de influências estrangeiras ou seculares, e ambos cooperam regularmente para combater as forças governamentais. O outro grupo, ligado à Al-Qaeda, promove uma agenda islamista global, afastada de clérigos salafistas do Catar, Arábia Saudita e Egito (GHOTME & RIPOLL, 2014, p. 54).

Do ponto de vista da política interna, a miríade de atores que interagem internamente no conflito sírio torna-se um fator explicativo poderoso para entender a fenomenologia da questão em seu nível doméstico, pois essa multiplicidade de conflitos internos dificulta a formação de um programa forte e coerente, com capacidade de

unificar o país em torno de um único projeto. Destaca-se que a questão étnico-religiosa tem um papel importante nas divisões sectárias dos grupos que se opõem ao regime sírio. Para autores, como Costa (2016), Pérez (2015), Ghotme, Garzón e Ortiz (2014), Zahreddine (2014), Garcia (2015), Mohammed (2016), Hinnebusch (2009), Kuri (2016), dentre outros, a composição confessional distribuída pelo território sírio é bastante sintomática. Pérez (2015) assinala que os mulçumanos constituem a maioria da população (90%), sendo que a maioria é sunita (74%) e o resto (16%) pertence a diferentes grupos xiitas. O restante da população síria é de cristãos, com predomínio de gregos ortodoxos sobre os católicos (PÉREZ, 2015, p. 210). Zahredinne (2013) por sua vez, aponta também para a miríade étnico-religiosa na região, onde se aproxima de Pérez ao apontar que o grupo religioso predominante na síria são os sunitas, contando com 68,4% da população, sendo os alauítas (grupo do presidente Assad), o segundo maior grupo, com 11,3%, seguidos pelos cristãos, com 11,2%, os drusos, com 3,2 % da população e os xiitas, com 3,2%. A população síria ainda conta com minorias étnicas de curdos e armênios que têm importante papel no país (ZAHREDINNE, 2013, p. 12-3).

Dentro da perspectiva de que as clivagens étnico-religiosas influenciam na manutenção do conflito, percebe-se que os códigos morais e religiosos, completamente imbricados na sociedade árabe, são observados rigidamente na comunidade síria (assim como na comunidade árabe como um todo), de modo que têm papel fundamental para a manutenção da ordem do Estado (HOURANI, 2006, p. 80), e nesse sentido, influenciam a relação do governo e sua sociedade. Para muitos autores, a Síria se manteve livre de processos de fragmentação nos últimos 42 anos devido a duas circunstâncias essenciais: Primeiro, em função da família Assad ter formado um exército fiel a sua facção alauíta, com a distribuição de cargos políticos e militares na burocracia e no exército, respectivamente. E em segundo lugar, pela utilização maciça da força, para conter os levantes contra o regime, mantendo um ciclo de repressão que foi quebrado com a eclosão da Primavera Árabe síria em 2011 e o início da guerra civil síria (COSTA, 2016, p. 33).

Alguns analistas apontam para elementos fundamentais que precisam ser mensurados para compreender a luta sectária entre grupos dentro do território sírio. Esses analistas afirmam que, do ponto de vista geopolítico, os levantes da Primavera Árabe geraram uma nova ordem securitária regional no Oriente Médio, com dois desdobramentos essenciais que convergem para influenciar diretamente o conflito na Síria: primeiro, a retomada ou reedição de um tradicional conflito entre repúblicas e

monarquias no Oriente Médio, uma luta que remonta os anos de 1960 e 1970, que coloca duas visões de mundo em confronto, a perspectiva tradicional de governo monárquico e a visão modernizadora de governos republicanos, mais abertos aos valores democráticos; e em segundo lugar, um conflito de fundo sectário entre xiitas e sunitas no mundo muçulmano, o que, na análise do conflito sírio, exprime prisma importante para tradução do fenômeno da guerra (CALCULLI & LEGRENZI, 2016; LYNCH, 2017). Nesse mesmo sentido, Xavier (2017) aponta para uma potencialização do conflito sectário expectorado no território sírio, como um elemento que adere à disputa regional de poder entre os países do Oriente Médio.

Neste panorama resumido, a luta entre os grupos e as facções religiosas dentro do Estado sírio tem importante influência na manutenção da guerra civil e constitui um dos pilares do tripé a ser considerado, juntamente com a perspectiva regional e o prisma internacional, para a composição do mosaico interpretativo do fenômeno da guerra civil.

Considerações finais

O estudo teórico acurado sobre a fenomenologia do conflito sírio, em busca de elementos que expliquem ou traduzam a perenização da guerra civil por mais de seis anos, parece obter melhores respostas (hipóteses satisfatórias), quando vislumbrado sob o ângulo tripartido de análise.

O estudo da guerra síria em níveis de análises distintos tem permitido aos pesquisadores e estudiosos sobre a questão verificar que existem epicentros geradores de uma luta hegemônica na região onde é deflagrada a guerra, numa leitura realista que aclara e explica com relativo grau de satisfação as raízes do problema. Observa-se uma **disputa hegemônica que se estabelece no âmbito internacional** entre as forças estadunidenses e russas (fortalecida em parte pelo apoio chinês), impulsionando e arregimentando forças militares, recursos financeiros, armamentísticos e logísticos, no sentido de fortalecer as milícias que se insurgem contra o governo do ditador Bashar al-Assad por um lado, e por outro viés, forças buscando manter a integridade de um regime ditatorial antigo (iniciado na década de 1970 com Assad pai) aliado aos interesses geopolíticos russos.

A luta hegemônica no espectro sistêmico ou internacional, que se descortina para muitos como uma “segunda Guerra Fria”, **irradia-se para o âmbito regional**, onde também existe uma clara indicação de luta pela maximização de poder político e econômico, que opõe de um lado diversos países do Oriente Médio, como Arábia

Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Turquia, Israel e Egito, que são contra a manutenção do regime do ditador Assad, e do outro lado, uma coalizão de forças, sobretudo entre países como o Iran, Líbano e Iraque, que vêem a queda do regime de Bashar al-Assad como o aumento da influência norte-americana (e de Israel) na região e o avanço dos interesses dos aliados árabes dos EUA.

Por sua vez, a análise intestina do processamento do conflito **sob o foco da política doméstica**, não menos importante que os dois níveis de análise precedentes (internacional e regional), indica que a guerra civil síria tem se perenizado também, em função da miríade de grupos étnico-religiosos que se multiplicam no território sírio (sendo que muitos não têm respostas uníssonas para o futuro político e institucional do Estado vindouro), impulsionados por recursos de caráter logístico, financeiro e armamentístico provenientes das grandes potências no âmbito de análise internacional, e recursos do mesmo calibre, oriundos dos países do Oriente Médio, que disputam regionalmente a hegemonia geopolítica na região.

Entende-se que a resolução do conflito sírio, que já dura mais de seis terríveis anos, passa necessariamente pela compreensão e discussão de todas as nuances políticas que se incorporam no âmbito internacional, regional e doméstico, e que a comunidade internacional tem resistido enxergar. A falta de transparência e o ocultamento dos interesses das grandes potências (na antiga perspectiva da “diplomacia secreta” do começo do Século XX, que nunca morreu), que se debatem numa luta hegemônica no cenário internacional, e que transborda para o âmbito regional, obscurece a possibilidade de surgirem acordos resolutivos que encerrem a tragédia humanitária do povo sírio, que já conta com milhões de degredados espalhados pelo mundo, refugiados que agravam, inclusive, a crise migratória na Europa.

O Estado sírio e as instituições nacionais estão praticamente aniquilados, com centenas de escolas destruídas, assim como foram eliminados centenas de hospitais, centros comerciais e administrativos, sedes parlamentares e jurídicas, que não resistiram à violência e crueza dos fuzis, mísseis e obuses, com um povo massacrado e violado na mais íntima privacidade e nos mais sagrados direitos. A população síria nesse caso é a maior vítima dessa luta geopolítica e segue dividida em miríades de grupos que se arvoram representá-la.

Nesse cenário de desastre humanitário e de conflito generalizado, a construção de uma solução, ainda que a mínima possível, para salvar o que resta da população síria, passa necessariamente pelo estudo dos níveis de análise que traduzem o conflito e a

transparência na expectoração dos reais fatores que têm estimulado a perenização do conflito, provocando a Comunidade Internacional, que até o momento mostra-se praticamente inativa, como transparece nas resoluções inócuas da ONU.

Referências

ACNUR (2017). **Guerra, violência e perseguição elevam deslocamentos forçados a um nível sem precedentes**, publicado em [http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/guerra-violencia-e-perseguido-elevam-deslocamentos-forcados-a-um-nivel-sem-precedentes/]. Disponibilidade: 19/06/2017.

AGUILAR, Sérgio L. C; FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique (2014). A Guerra civil síria, o Oriente Médio e o Sistema Internacional. **Série Estudos Internacionais**, 1(6): 1-6. Publicado em [www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-guerra-civil-siria.pdf]. Disponibilidade: 24/05/2017.

AMINEH, Mehdi Parvizi; HOUWELING, Heng (2015). **Central Eurasia Global Politics-Conflict, Security and Development**. 2 ed. Leide-Boston: Brill.

ANDRADE, George Bronzeado de (2011). A guerra civil síria e a condição dos refugiados: um problema “reinventado” pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. **Revista de Estudos Internacionais**, 2 (2): 121-38.

BALKAN Arms Trade (2017). **Blakna insight**, publicado em [http://www.balkaninsight.com/en/page/balkan-arms-trade]. Disponibilidade: 25/09/2017.

BALKAN Investigative Reporting Network (BIRN) (2017). **Birn cited balkan media freedom reports**, publicado em [http://birn.eu.com/news-and-events/birn-cited-balkan-media-freedom-reports/]. Disponibilidade: 25/09/2017.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (2013). **A segunda Guerra Fria. Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos**: Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (2016). **A desordem mundial: O espectro da total dominação**: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias. Rio de Janeiro: José Olympio.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap de (1998). **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner.

CALCULLI, Marina; LEGRENZI, Matteo (2016). Middle East Security: Conflict and Securitization of Identities. In FAWCETT, Louise (Ed.). **International Relations of the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 4ª ed.

CLEVELAND, William L; BUNTON, Martin (2009). **A History of the Modern Middle East**. Philadelphia: West View Press.

CORDESMAN, Anthony (2014). **The need for a new “realism” in the US-Saudi Alliance**. Center of Strategic and International Studies. March. Publicado em [https://www.csis.org/analysis/need-new-%E2%80%9Crealism%E2%80%9D-us-saudi-alliance]. Disponibilidade: 03/06/2017.

COSTA, Renata Parpolov (2016). **Uma história da Síria do Século XXI para além do sectarismo religioso**. Dissertação de mestrado em Letras apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP (Orientador: Prof. Dr. Arlene Elizabeth Clemescha).

DALACOURA, Katherine (2013). The Arab Uprisings Two Years On: Ideology, Sectarianism and the Changing Balance of Power in the Middle. **Insight Turkey** (Arabic Edition), 15 (1): 75-89, winter. Publicado em [file.insightturkey.com/Files/Pdf/20130107111947_insight_turkey_vol_15_no_1_articles_01_dalacoura_.pdf.]. Disponibilidade: 29/04/2017.

ESPADA, Cesáreo Gutierrez (2015). El conflicto en Siria (2011-2014) a la luz del derecho internacional y de la (geo)política. **Revista Unici**, 37: 99-131.

FERGUSON, Niall (2011). **Colosso: Ascensão e queda do império americano..** São Paulo: Planeta.

GARCIA, Alejandro Menéndez (2015). **Síria: analisis de um conflicto**. E-book publicado em [https://www.amazon.com.br/Siria-An%C3%A1lisis-un-conflicto-Spanishebook/dp/B015L8RMGA/ref=pd_rhf_se_p_img_9?_encoding=UTF8&psc=1&efRID=4XATFC1QWAVF5KS3Z7KZ]. Disponibilidade: 25/05/2017.

GARZÓN, Ingrid Viviana; GHOTME, Ahmed Rafat; ORTÍZ, Paola Andrea Cifuentes (2015). Las relaciones internacionales de la guerra civil síria a partir de un enfoque regional: hegemonia y equilibrio en Medio Oriente. **Estudios Políticos**, 46: 13-32.

GAUSE, F. Gregory (2014). Beyond Sectarianism: The middle East Cold War. **The brookings Doha Center**. September. Publicado em [http://www.brookings.edu/~/media/research/files/papers/2014/07/22%20beyond%20sectarianism%20cold%20war%20gause/english%20pdf.pdf]. Disponibilidade: 01/06/2017.

GHOTME, Ahmed Rafat (2014). En rol de las potencias en la guerra civil síria: hemonía e contrahegemonía en la política mundial. **Revista de Relaciones Internacionales de la UNAM**, 118: 99-129.

GHOTME, Ahmed Rafat; RIPOLL, Alejandra (2014). Las Relaciones Internacionales de la Guerra Civil Siria: Estados Unidos y Russia em la lucha por el poder internacional. **Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad**. 9 (2): 49-76.

HALL, Clement M. (2013). **The history of Syria: 1900-2012**. Boston: Charles River Editors, E-book publicado em [https://www.amazon.com.br/History-Syria-1900-2012Englishebook/dp/B007OLJECI/ref=sr_1_2?ie=UTF8&qid=1501016318&sr=82&keywords=Hall%2C+Clement+M.+The+history+of+Syria%3A+1900-2012]. Disponibilidade: 10/07/2017.

HAYKEL, Bernard (2013). Qatar and Islamims. **Noref Policy Brief**. May. Publicado em [\[http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/applicaton/ac81941df1be874ccbda35e747218abf.pdf\]](http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/applicaton/ac81941df1be874ccbda35e747218abf.pdf). Disponibilidade: 08/07/2017.

HINNEBUSCH, Raymond (2009). Syrian foreign policy under Bashar al-Assad. **Ortadogu Etutleri**, 1 (1): 1-20.

HOURLANI, Albert (2006). **Uma história dos povos árabes..** São Paulo: Companhia das Letras.

JOFFÉ, George (2011). A Primavera Árabe no Norte da África. Origens e perspectivas de futuro. **Revista de Relações Internacionais**, 30: 85-116.

KAPLAN, Robert D. (2013). **A vingança da geografia: A construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier.

KHANNA, Parag (2008). **O Segundo Mundo**. Rio de Janeiro: Intrínseca.

KING, Gary; KEOHANE, Robert; VERBA, Sidney (1994). **Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research**. Princeton: Princeton University Press.

KUHN, Thomas S (1998). **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5º ed. São Paulo: Editora Perspectiva.

KURI, Marta Tawil (2016). **Síria: Poder regional, legitimidad y política exterior, 1996-2015**. Ciudad de México: El Colegio del México, Centro de Estudios Internacionales.

LYNCH, Marc (2017). International Relations. 14ª ed. In LUST, Elen (Ed.). **The Middle East**. London: CQPress.

MASSOULIÉ, François (1996). **Os Conflitos do Oriente Médio**. São Paulo: Editora Ática.

MEARSHEIMER, John (2007). **A Tragédia da Política das Grandes Potências**. Lisboa: Gradiva.

MOHAMMED, Yasmin (2016). **O nacionalismo árabe e o partido baath: uma análise da política externa da síria da ascensão de Hafez al-Assad (1970-2000) à presidência de Bashar al-Assad (2001-2010)**. Dissertação de mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais, apresentada à Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS (Orientador: Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro).

MOUBAYED, Sami (2006). **Stell& Silk: men and woman who shaped Syria 1900 – 2000**. Seattle: Cune Press.

OLIVEIRA, Adriano (2014). Análise de Conjunturas: Conceitos e Aplicações. **Em Debate**, 6 (1): 24-35.

ONU (2017). **Documents. Security Council. Veto**, publicado em [\[http://research.un.org/en/docs/sc/quick/veto\]](http://research.un.org/en/docs/sc/quick/veto). Disponibilidade: 04/07/2017.

PECEQUILO, Cristina Soreanu (2012). **Os Estados Unidos e o Século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier.

PÉREZ, Ruth Elizabeth Prado (2015). La reconfiguración de los conflictos armados en las relaciones internacionales: la internacionalización del conflicto en Siria. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, LX (224): 187-220.

RAJA, Shaid Hussain (2015). **Crises na Síria: passado, presente e futuro**. E-book. Babelcub. Publicado em [https://www.amazon.com.br/CrisesS%C3%ADriaPassadopresentefuturoebook/dp/B01COSIYP8/ref=pd_rhf_se_p_img_10?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=MGMVPYC1R9ZAJPTJQK4T]. Disponibilidade: 13/05/2017.

RAND, Ayn/ BRANDEN, Nathaniel (1964). **The virtue of selfishness: a new concept of egoism**. Signet/New American Library. Publicado em [http://www.frasesdepensadores.com.br/frase/criminosos-sao-uma-pequena-minoria/]. Disponibilidade: 14/06/2018.

HERNANDEZ, Carlos G R.(2015). **El conflicto sirio: ¿Principio del fin de una gran potencia?** E-book. Publicado em [www.amazon.com.br/El-Conflicto-Sirio-Principio-Potenciaebook/dp/B01MT0IQNJ/ref=pdrhf_dp_p_img_8?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=MCQAN56CYJ3MXQQ2HT4H]. Disponibilidade: 30/05/2017.

SHAPIRO, Ian (2002). Problems, Methods, and Theories in the Study of Politics, or What's Wrong with Political Science and What to do About it. **Political Theory**, 30 (4): 588-611.

SINGER, David (1961). The level of analysis problem in international relations. **World Politics**, 14 (1): 77-92.

SMITH, Dan (2008). **O Atlas do Oriente Médio: O Mapeamento Completo de Todos os Conflitos**. São Paulo: Publifolha.

SPUTNIK NEWS (2017). **Putin - operação e custo**, publicado em [https://br.sputniknews.com/mundo/201603173844487-Putin-operacao-custo/].Disponibilidade: 10/09/2017.

STOCKHOLM International Peace Research Institute (SIPRI) (2017). **Summary**. Publicado em [https://www.sipri.org/sites/default/files/2017-09/yb17-summary-eng.pdf.]. Disponibilidade: 25/09/2017.

UNSC (2001). **Resolução do Conselho de Segurança da ONU S/2001/612 – S/PV 6627**, publicado em [http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/PV.6627]. Disponibilidade: 07/07/2017.

UNSC (2012). **Resolução do Conselho de Segurança da ONU S/2012/77, S/PV 6711**, publicado em [http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/PV.6711]. Disponibilidade: 08/07/2017.

UNSC (2014). **Resolução do Conselho de Segurança da ONU, S/2014/348, S/PV 7180**, publicado em [<http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/PV.7180>]. Disponibilidade: 10/07/2017.

UNSC (2017). **Resolução do Conselho de Segurança da ONU, S/2017/172, S/PV 7893**, publicado em [<http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/PV.7893>]. Disponibilidade: 11/08/2017.

US DEPARTMENT OF STATE (2014). **The Global Coalition to Defeat ISIS**, publicado em [<https://www.state.gov/s/seci/index.htm>]. Disponibilidade: 25/09/2017.

VISENTINI, P. G. F (2014). **O Grande Oriente Médio: da descolonização à Primavera Árabe**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier.

WALTZ, Kenneth (2002). **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Gradiva.

XAVIER, Erwin (2017). **Geopolítica no Oriente Médio e a guerra civil na Síria**, publicado em Mundorama [<https://www.mundorama.net/?article=geopolitica-no-oriente-medio-e-a-guerra-civil-na-siria-por-erwin-padua-xavier>]. Disponibilidade: 23/09/2017.

ZAHREDDINE, Danny (2013). A crise na Síria: Uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Austral**, 4 (2): 06-23.